XXXIII Congresso Brasileiro de Custos
17, 18 e 19 de novembro de 2026
- Porto de Galinhas / PE -

AVERSÃO À PERDA E A FALÁCIA DOS CUSTOS AFUNDADOS NO COMPORTAMENTO DE APOSTADORES ONLINE

Sabrina Ribeiro de Almeida Ribeiro Almeida (UFCA) - sabrina.almeida@ufca.edu.br

Daiana Belizaro Cadeira (UFCA) - daiana.belizaro@aluno.ufca.edu.br

Hiandra Silva Andrade (UFCA) - hiandras67@gmail.com

Polyandra Zampiere Pessoa da Silva (UFCA) - polyandra@live.com

Resumo:

O objetivo deste estudo é compreender como a aversão à perda se relaciona com a falácia dos custos afundados na persistência de apostadores on-line. Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas, com os dados analisados mediante análise de conteúdo. Os resultados indicam que a aversão às perdas potencializa o comportamento de loss chasing, caracterizado pela busca de recuperar recursos anteriormente perdidos por meio da continuidade das apostas. Nesse processo, os custos afundados passam a funcionar como uma referência mental que favorece a permanência no comportamento de apostar, na expectativa de recuperar as perdas. Os participantes também associaram as perdas a sentimentos de tristeza, angústia e frustração, que podem intensificar a necessidade de recuperar os valores perdidos. Observou-se, ainda, que os pontos de referência dos apostadores se modificam ao longo da experiência de apostas, contribuindo para a redefinição da percepção de ganhos e perdas. Além dos processos cognitivos individuais, as plataformas on-line e as estratégias de marketing mostraram-se relevantes para a captação e manutenção dos apostadores, podendo favorecer a exploração desses vieses. Os resultados contribuem para a literatura ao ampliar a compreensão de como os custos afundados a afetam a tomada de decisão e a persistência nas apostas. Como contribuição prática, o estudo evidencia a necessidade de repensar a regulação das plataformas e das estratégias de marketing, especialmente quanto à exploração destes mecanismos psicológicos que podem favorecer a continuidade das apostas.

Palavras-chave: *Aversão à perda. Custos irrecuperáveis. Loss chasing. Apostas on-line.*

Área temática: *Abordagens contemporâneas de custos*

AVERSÃO À PERDA E A FALÁCIA DOS CUSTOS AFUNDADOS NO COMPORTAMENTO DE APOSTADORES ONLINE

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender como a aversão à perda se relaciona com a falácia dos custos afundados na persistência de apostadores on-line. Para isso, adotou-se uma abordagem qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas, com os dados analisados mediante análise de conteúdo. Os resultados indicam que a aversão às perdas potencializa o comportamento de *loss chasing*, caracterizado pela busca de recuperar recursos anteriormente perdidos por meio da continuidade das apostas. Nesse processo, os custos afundados passam a funcionar como uma referência mental que favorece a permanência no comportamento de apostar, na expectativa de recuperar as perdas. Os participantes também associaram as perdas a sentimentos de tristeza, angústia e frustração, que podem intensificar a necessidade de recuperar os valores perdidos. Observou-se, ainda, que os pontos de referência dos apostadores se modificam ao longo da experiência de apostas, contribuindo para a redefinição da percepção de ganhos e perdas. Além dos processos cognitivos individuais, as plataformas on-line e as estratégias de marketing mostraram-se relevantes para a captação e manutenção dos apostadores, podendo favorecer a exploração desses vieses. Os resultados contribuem para a literatura ao ampliar a compreensão de como os custos afundados a afetam a tomada de decisão e a persistência nas apostas. Como contribuição prática, o estudo evidencia a necessidade de repensar a regulação das plataformas e das estratégias de marketing, especialmente quanto à exploração destes mecanismos psicológicos que podem favorecer a continuidade das apostas.

Palavras-chave: Aversão à perda. Custos irrecuperáveis. *Loss chasing*. Apostas on-line.
Área Temática: Abordagens contemporâneas de custos

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a expansão do acesso à internet e a disseminação de dispositivos móveis transformaram o mercado de entretenimento e de serviços digitais, impulsionando o crescimento das apostas online no Brasil. Esse mercado expandiu-se rapidamente antes da existência de um marco regulatório específico, cenário que motivou a promulgação da Lei nº 14.790/2023, responsável por regulamentar as apostas de quota fixa e estabelecer critérios para a autorização e fiscalização das operadoras. Em 2025, o setor alcançou faturamento estimado em R$37 bilhões e atendeu aproximadamente 25 milhões de usuários no país (Oliveira et al., 2025). Em 2026, impulsionado pela Copa do Mundo de Futebol, o mercado registrou crescimento de 300% no valor médio apostado diariamente, movimentando cerca de R$ 1 bilhão durante o evento (Klavi, 2026).

Diante dessa magnitude, as apostas online constituem um fenômeno econômico e financeiro que demanda atenção da pesquisa acadêmica, especialmente sob a perspectiva da educação financeira e de seus impactos sobre o orçamento familiar. idências apontam que as famílias de baixa renda estão entre as mais afetadas pelas apostas, tendo em vista que a expectativa de ganhos tende a

adquirir maior relevância em contextos de vulnerabilidade financeira (Banco Central, 2024). Além disso, as plataformas de apostas passaram a competir com instrumentos de poupança e investimento. Em 2024, aproximadamente 15% da população brasileira realizou ao menos uma aposta online (Anbima, 2025).

Nesse contexto, o Transtorno do Jogo, reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e classificado no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5) como uma dependência comportamental, caracteriza-se pela incapacidade persistente de controlar o impulso de jogar, apesar das consequências negativas. Diante desse cenário, surge o questionamento sobre o porquê de alguns indivíduos persistem em apostar, mesmo diante da certeza de perdas no longo prazo.

Dois vieses cognitivos são particularmente relevantes nesse contexto: a aversão à perda, segundo a qual o sofrimento decorrente de uma perda supera a satisfação proporcionada por um ganho equivalente, e o efeito disposição, caracterizado pela realização precoce de ganhos e pela manutenção de posições perdedoras na expectativa de reverter os prejuízos (Yang et al., 2022). Associado a esses vieses, destaca-se o efeito dos custos afundados, no qual perdas já incorridas e economicamente irrecuperáveis continuam influenciando decisões futuras, levando os indivíduos a persistirem em investimentos desfavoráveis na tentativa de justificar ou recuperar recursos que não podem mais ser recuperados (Arkes & Blumer, 1985).

No contexto das apostas online, esses mecanismos cognitivos favorecem a continuidade das apostas após perdas sucessivas, reforçando o comportamento de perseguição das perdas (*loss chasing*) e ampliando progressivamente os prejuízos (Zhang & Clark 2020). Nessa perspectiva, a aversão à perda não representa apenas uma característica associada ao transtorno do jogo, mas um mecanismo que, aliado à falácia dos custos afundados, contribui para sua manutenção ao incentivar novas apostas na expectativa de recuperar perdas irrecuperáveis, perpetuando o comportamento disfuncional (Zhang & Clark 2020; Pitt et al., 2024).

A facilidade de acesso às plataformas, aliada à rapidez das operações, aos depósitos instantâneos e às constantes recompensas oferecidas pelos aplicativos, favorece o desenvolvimento de comportamentos impulsivos e potencializa o risco de perdas financeiras sucessivas (Nascimento et al., 2025). Além disso, a arquitetura dessas plataformas somado ao marketing expressivo estimula a permanência do usuário, reduzindo os intervalos entre as apostas e dificultando processos de reflexão sobre as consequências financeiras das decisões tomadas (Hopfgartner et al., 2022; Newall, 2024; McGarrigle et al., 2026).

Os estudos têm demonstrado que o jogo problemático está associado a diferentes fatores, incluindo motivações sociais (Floyd et al., 2025), características da arquitetura das plataformas de apostas online (Newall, 2024) e problemas psicológicos (Manu et al., 2024). Entretanto, o papel da aversão à perda ainda permanece inconclusivo na literatura. Enquanto alguns estudos apontam que esse viés cognitivo constitui um mecanismo que favorece o desenvolvimento e a manutenção do transtorno do jogo (Xu et al., 2020; Yang et al., 2022; Zhang & Clark 2020), outros não identificam evidências consistentes de sua influência sobre o comportamento dos apostadores (Teal et al., 2021; Wang et al., 2025; Pérez-Acosta et al., 2023). No contexto brasileiro, essa lacuna é ainda mais evidente, uma vez que permanece limitada a compreensão integrada da aversão à perda e do efeito disposição como mecanismos explicativos do comportamento financeiro dos apostadores em ambientes digitais (Arruda et al., 2025).

Diante desse cenário, este estudo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: Como o mecanismo de aversão à perda se relaciona com a falácia dos custos irrecuperáveis na persistência de apostadores online? Para responder a essa questão, o objetivo geral é compreender como o mecanismo de aversão à perda se relaciona com a falácia dos custos irrecuperáveis na persistência de apostadores online.

Espera-se que os resultados contribuam para ampliar a compreensão dos mecanismos psicológicos que influenciam as decisões financeiras sob risco, fornecendo evidências relevantes para a área de negócios. Ao identificar como a aversão à perda e a falácia dos custos afundados afetam o comportamento dos apostadores, o estudo oferece subsídios para o desenvolvimento de estratégias de educação financeira, práticas de consumo responsável e modelos de gestão de risco comportamental. Além disso, os achados podem orientar organizações, formuladores de políticas públicas e órgãos reguladores na elaboração de medidas voltadas à proteção dos consumidores em mercados digitais, contribuindo para um ambiente de negócios mais transparente, sustentável e alinhado aos princípios de responsabilidade social.

2. REFERENCIAL TEORICO

A análise das decisões humanas sob condições de incerteza foi, por décadas, dominada pela Teoria da Utilidade Esperada. Esse modelo tradicional pressupõe a existência de um agente puramente racional — o *Homo economicus* —, capaz de avaliar probabilidades de forma racional para maximizar seus ganhos em termos de riqueza absoluta. No entanto, Tversky e Kahneman (1974) contestaram essa visão ao demonstrar que, em situações reais de risco, as escolhas humanas são frequentemente influenciadas por fatores psicológicos e atalhos mentais, desviando-se sistematicamente da lógica puramente racional.

A Teoria dos Prospectos propõe que as decisões sob risco não são baseadas na riqueza absoluta dos indivíduos, mas em variações percebidas em relação a um ponto de referência subjetivo, que define se um determinado resultado será interpretado como ganho ou perda (Tversky e Kahneman 1974). Nessa perspectiva, a avaliação das alternativas ocorre de forma relativa, fazendo com que escolhas idênticas em termos objetivos produzam respostas distintas conforme o contexto em que são apresentadas.

A teoria também demonstra que a atitude em relação ao risco varia conforme o domínio da decisão. No domínio dos ganhos, os indivíduos tendem a ser avessos ao risco, preferindo ganhos menores e certos, a alternativas mais arriscadas, ainda que com maior retorno esperado. No domínio das perdas, entretanto, esse comportamento se inverte: os indivíduos tornam-se mais propensos ao risco, aceitando alternativas mais arriscadas na tentativa de evitar ou recuperar prejuízos, mesmo quando isso aumenta a probabilidade de perdas adicionais. Além disso, os recursos já investidos (custos afundados) influenciam decisões futuras, levando os indivíduos a persistirem em investimentos na expectativa de recuperar perdas ou alcançar o desempenho esperado (Arkes & Blumer, 1985; Almeida et al., 2026).

Os pressupostos da Teoria do Prospecto têm recebido amplo suporte empírico. Em relação ao papel da aversão à perda, Xu et al. (2020) verificaram que esse viés foi o principal determinante das decisões, sendo mais intenso em indivíduos com maior ansiedade, enquanto Yang et al. (2022) demonstraram que as escolhas são definidas pelo ponto de referência subjetivo, e não por valores absolutos de riqueza, reforçando que a percepção de ganhos e perdas depende da

forma como o indivíduo interpreta sua posição atual. Em contraste, Wang et al. (2025) não encontraram evidências de aversão à perda, no entanto observaram a influência do viés de recência, sugerindo que decisões sob risco podem ser explicadas pela integração dinâmica de informações recentes.

No contexto dos jogos de azar, Zhang e Clark (2020) destacam que a literatura ainda apresenta resultados heterogêneos quanto à aversão à perda. Enquanto alguns estudos indicam que jogadores patológicos atribuem menor peso às perdas e, por isso, tendem a persistir nas apostas, outros demonstram que esse viés varia conforme características individuais, duração do tratamento e modalidade de jogo praticada, indicando que a aversão à perda não se manifesta de forma uniforme entre jogadores problemáticos.

Os estudos demonstram que as perdas favorecem comportamentos de perseguição das perdas (*loss chasing*), consistentes com os pressupostos da Teoria do Prospecto e da teoria dos custos afundados. Zhang & Clark (2020) verificaram que as perdas aumentam significativamente o valor das apostas subsequentes, enquanto Pérez-Acosta et al. (2023) observaram que o feedback frequente leva os participantes a assumir mais riscos para recuperar prejuízos. Da mesma forma, Louderback et al. (2024) identificaram persistência de elevados gastos entre uma pequena parcela de apostadores ao longo do tempo, comportamento compatível com a tentativa de recuperar perdas. Esse comportamento pode ser interpretado, à luz do efeito *sunk cost*, como uma dificuldade de abandonar uma decisão diante de perdas já incorridas, levando o indivíduo a continuar comprometendo recursos na expectativa de recuperar os valores anteriormente perdidos.

Entretanto, as evidências indicam que o *loss chasing* é um comportamento multifacetado. Edson et al. (2025) verificaram que ele pode se manifestar pelo aumento do valor das apostas, pela escolha de apostas com maior retorno potencial e pela redução do intervalo entre apostas, sendo os dois primeiros os principais preditores do agravamento das perdas. Resultados semelhantes foram encontrados por Chen et al. (2022), que identificaram evidências de perseguição das perdas apenas na maior velocidade entre apostas, enquanto Auer et al. (2023) demonstraram que depósitos frequentes durante uma mesma sessão o refletia a tentativa de recuperar perdas.

Além dos vieses cognitivos associados à aversão à perda e aos custos afundados, a literatura evidencia que o comportamento de jogo problemático resulta da interação entre fatores financeiros, psicológicos, comportamentais e sociais. Nesse contexto, as motivações financeiras parecem exercer um papel central, uma vez que podem deslocar o indivíduo para o domínio das perdas, favorecendo a adoção de decisões mais arriscadas na tentativa de recuperar recursos ou melhorar sua condição econômica. Nesse sentido, Floyd, Kraus e Grubbs (2024) verificaram que a motivação para obter ganhos financeiros foi um dos principais preditores do jogo problemático, sendo esse efeito intensificado entre indivíduos que percebiam sua situação financeira como inferior à de outras pessoas.

No contexto brasileiro, essa dinâmica pode ser ainda mais pronunciada. Dados do Banco Central (2024) e do Tribunal de Contas da União (2025) indicam elevada participação de famílias de baixa renda, incluindo beneficiários do Bolsa Família, no mercado de apostas esportivas, havendo evidências de comprometimento de parcela da renda destinada à manutenção das necessidades básicas. À luz da Teoria dos Prospectos, esse contexto pode deslocar os indivíduos para o domínio das perdas, no qual a disposição para assumir riscos tende a aumentar em razão da expectativa de recuperar recursos financeiros ou reverter

uma situação econômica percebida como desfavorável. Essa interpretação também é consistente com Floyd, Kraus e Grubbs (2024) e Hagfors et al. (2023), que demonstram que a privação financeira percebida e a motivação por ganhos monetários constituem importantes preditores do jogo problemático.

Esse processo tende a ser potencializado por fatores psicológicos. Wirkus et al. (2024) identificaram que impulsividade, dificuldades de regulação emocional e estresse estão associados à persistência do transtorno do jogo. Em direção semelhante, Manu et al. (2024) observaram elevada prevalência de ansiedade, depressão e estresse entre apostadores esportivos, verificando que o agravamento do comportamento de apostas esteve positivamente relacionado ao sofrimento psicológico. Esses achados indicam que indivíduos emocionalmente vulneráveis podem recorrer às apostas não apenas como estratégia para melhorar sua situação financeira, mas também como forma de aliviar estados emocionais negativos, contribuindo para a manutenção do comportamento de risco.

Paralelamente, fatores comportamentais e sociais reforçam esse processo. Hing et al. (2016) verificaram que maior frequência de apostas, impulsividade e normas sociais favoráveis aumentam a probabilidade de jogo problemático, enquanto Pitt et al. (2024) demonstraram que a publicidade com celebridades e influenciadores reduz a percepção dos riscos e fortalece a aceitação social das apostas entre adolescentes. Complementarmente, Ukhov et al. (2021) observaram que as perdas exercem maior influência do que os ganhos sobre o risco de jogo problemático, evidenciando que decisões subsequentes tendem a ser orientadas pela tentativa de recuperar prejuízos, comportamento compatível com os pressupostos da aversão à perda.

Essa interpretação encontra respaldo nos resultados de Yang et al. (2022), que demonstraram que a propensão ao risco depende da posição relativa do indivíduo em relação ao seu ponto de referência, e não apenas do valor esperado das alternativas. Os autores verificaram que participantes com menor riqueza acumulada apresentaram maior propensão a escolher alternativas arriscadas, enquanto aqueles com maior patrimônio tornaram-se progressivamente mais neutros ou avessos ao risco. Esses achados reforçam que a percepção de uma condição financeira desfavorável pode deslocar o indivíduo para o domínio das perdas, aumentando sua disposição para assumir riscos na expectativa de recuperar recursos.

O ambiente digital potencializa comportamentos de risco ao combinar facilidade de acesso, rapidez das operações e mecanismos que estimulam a interação contínua. A digitalização do dinheiro reduz a percepção das perdas, enquanto meios de pagamento instantâneos, como o Pix, eliminam pausas que poderiam favorecer a reflexão. Nesse contexto, a possibilidade de apostar imediatamente após uma perda favorece o *loss chasing*, intensificando a aversão à perda e a exposição financeira. Assim, a arquitetura das plataformas, ao interagir com vulnerabilidades cognitivas e emocionais, pode transformar vieses como aversão à perda e custos afundados em padrões persistentes de comportamento e aumentar o risco de perdas financeiras.

3. METODOLOGIA

3.1 Aspectos da pesquisa

Este estudo se caracteriza, quanto aos seus objetivos, como uma pesquisa exploratória e descritiva. O caráter exploratório justifica-se pela necessidade de proporcionar maior familiaridade com um fenômeno contemporâneo e dinâmico: o

comportamento financeiro dos apostadores em plataformas digitais (*bets*). Por ser um campo no qual a convergência entre a tecnologia mobile e os vieses comportamentais ainda apresenta lacunas na literatura, a exploração possibilita mapear nuances e padrões de decisão sob incerteza. Já a dimensão descritiva busca detalhar como aspectos da teoria do prospecto podem estar relacionados a falácia dos custos afundados.

Quanto à abordagem, optou-se por um estudo qualitativo que permite compreender como esses processos se manifestam, possibilitando uma análise mais aprofundada das experiências, percepções e significados atribuídos pelos participantes. A entrevista semiestruturada oferece um roteiro flexível, que garante a abordagem dos pontos teóricos principais e dá liberdade para o participante relatar suas experiências. O Quadro 1 apresenta a estrutura do roteiro de entrevista utilizado para a coleta de dados e o alinhamento de cada bloco com a fundamentação teórica do estudo.

Quadro 1: Constructo teórico

Construto teórico	**Itens (roteiro de entrevista)**	**Fontes**
Perfil e contexto do participante	Idade; gênero; renda mensal; tempo de experiência com apostas online; frequência de apostas; modalidades utilizadas; motivação para iniciar as apostas;	Nascimento et al. (2025)
Aversão à perda (Sensibilidade às perdas)	Relato de perdas significativas; reação imediata às perdas; decisão de interromper ou continuar apostando; influência das perdas sobre decisões posteriores; resposta emocional diante das perdas.	Yang et al. (2022); Zhang e Clark (2020)
Perseguição de perdas (*Loss Chasing*)	Continuação das apostas para recuperar perdas; fatores que desencadeiam esse comportamento; existência de limites para interromper as apostas; sentimentos durante a tentativa de recuperação; avaliação posterior da decisão e de seus resultados.	Almeida et al. 2026; Pérez-Acosta et al. (2023)
Ilusão de controle e excesso de confiança	Percepção sobre o papel da habilidade e da sorte; confiança em estratégias próprias; percepção de domínio sobre determinadas modalidades de apostas; crença na identificação de padrões; influência de sequências de vitórias na confiança.	Kahneman e Tversky (1979)
Influência do marketing e da publicidade	Percepção sobre propagandas de apostas; influência de atletas e influenciadores; percepção sobre os riscos apresentados nas propagandas; influência da publicidade na decisão de apostar; percepção da normalização das apostas.	Pitt et al. (2024); Newall (2024);

3.2 Participantes do estudo e análise de dados

A entrevista semiestruturada foi realizada com 5 pessoas, com idades entre 18 e 30 anos, que apostam na internet pelo menos uma vez por semana. Essa frequência semanal foi definida como critério para garantir que os entrevistados escolhidos tenham uma rotina ativa de apostas. Os dados dos entrevistados estão descritos no Quadro 2.

Quadro 2: Perfil dos entrevistados

Entrevistado	**Idade**	**Sexo**	**Jogo utilizado**	**Tempo da entrevista**
Entrevistado A	23 anos	masculino	Apostas esportivas	50 min 10 s
Entrevistado B	22 anos	feminino	Jogos de azar	23 min 38 s
Entrevistado C	22 anos	masculino	Apostas esportivas	29 min 30 s
Entrevistado D	19 anos	feminino	Apostas esportivas	08 min 40 s
Entrevistado E	19 anos	feminino	Jogos de azar	06 min 30 s
				Total: **1 h 58 min 28 s**.

Para capturar uma diversidade de perspectivas e comportamentos, a escolha dos 5 participantes buscou contemplar diferentes perfis de idade, gênero, nível de formação e contextos socioeconômicos. A variação de idades e gêneros justifica-se pela busca de compreender o comportamento relacionado aos jogos de azar online a partir de diferentes perspectivas e contextos individuais, ampliando a diversidade das experiências analisadas.

Este estudo não foi realizado com grupos de risco nem com menores de idade, e não viola ou compromete a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD, Lei nº 13.709/2018), respeitando integralmente os princípios éticos da pesquisa científica. A realização das anotações e gravações ao longo das entrevistas foi previamente explicada e autorizada pelos participantes por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Vale ressaltar que este estudo se encontra em uma fase inicial, buscando compreender as diferentes variáveis envolvidas nesse contexto. Nesse sentido, pretende-se aprimorar os instrumentos de coleta de dados e, posteriormente, ampliar a pesquisa para análises mais abrangentes. O objetivo é avançar na investigação sistemática do fenômeno, ultrapassando a perspectiva de apenas identificar percepções dos participantes e buscando compreender, de forma mais aprofundada, os fatores que influenciam o comportamento de apostas online.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), contemplando três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Inicialmente, as entrevistas foram transcritas integralmente, permitindo uma leitura flutuante do conteúdo. Em seguida, os relatos foram organizados em categorias temáticas previamente definidas com base na literatura, possibilitando identificar padrões de comportamento relacionados à aversão à perda e a falácia dos custos afundados, ao efeito disposição, ao *loss chasing*, à ilusão de controle e à influência das plataformas digitais. Por fim, as evidências empíricas foram interpretadas à luz do referencial teórico, buscando compreender como esses vieses se manifestam nas decisões financeiras dos participantes. As categorias estão definidas no Quadro 3.

Quadro 3: Categorias de análise

Categoria de análise	Subcategorias
Aversão à perda	Experiência e percepção das perdas
	Reação às perdas
	Decisão após a perda
	Influência das perdas
Loss Chasing	Continuidade após perdas
	Tentativa de recuperação
	Intensificação do comportamento
	Controle e interrupção
Ilusão de controle e excesso de confiança	Habilidade versus sorte
	Percepção de controle
	Excesso de confiança
Influência do marketing e da publicidade	Exposição à publicidade
	Influência de celebridades e influenciadores

4. RESULTADOS

4. 1 Contexto dos participantes

Os relatos evidenciam que a inserção dos participantes nas apostas online ocorre em contextos distintos, embora apresentem elementos recorrentes. Predominam participantes com renda de até um salário-mínimo, e o tempo de experiência variou entre aproximadamente um e cinco anos. A frequência das apostas mostrou-se heterogênea, abrangendo desde práticas ocasionais até períodos de apostas diárias. As modalidades também se dividiram entre apostas esportivas, sobretudo futebol, e jogos de azar/cassino.

A expectativa de ganho financeiro aparece como elemento recorrente na iniciação e manutenção das apostas. Entre os participantes, essa expectativa esteve associada à influência de amigos ou outras pessoas, à observação de ganhos obtidos por terceiros e à percepção de que seria possível aumentar a própria renda. Entretanto, os relatos mostram que as apostas não são compreendidas exclusivamente como fonte de renda. Elas também assumem significados relacionados a diversão, distração e hábito, revelando uma experiência multifuncional.

O contexto em que as apostas ocorrem também é relevante. As apostas esportivas estão frequentemente vinculadas a campeonatos e partidas de futebol, enquanto os jogos de azar aparecem associados principalmente a momentos de descanso, à noite ou de madrugada. Esses padrões indicam que a prática pode ser incorporada à rotina cotidiana e associada a momentos específicos de disponibilidade e entretenimento.

Quanto ao processo de decisão sob risco, os participantes que realizam apostas esportivas relatam pesquisas e análises prévias, considerando desempenho dos times, resultados anteriores, frequência de gols e características das partidas. Essas estratégias funcionam como mecanismos subjetivos de redução da incerteza e contribuem para a formação da confiança na aposta. A sequência de vitórias de determinada equipe, por exemplo, é utilizada como indicador para sustentar a expectativa de que novos resultados favoráveis ocorrerão.

4.1 Aversão à perda e perseguição de perdas

Os resultados deste estudo evidenciam que as perdas financeiras não foram percebidas pelos participantes apenas como resultados monetários desfavoráveis, mas como experiências acompanhadas de angústia, tristeza e frustração. O entrevistado C, por exemplo, descreveu a experiência de perder como “Um pouquinho de angústia, aquela tristeza, porque às vezes você confiou um pouco naquele time e ele sai com apenas um ou nenhum [gol].” Em outro relato, a intensidade da reação emocional foi ainda mais acentuada: “Muito desgosto, muita tristeza. Até dá vontade de tirar a vida mesmo” (Entrevistado B).

Esses relatos evidenciam que a perda pode assumir significado psicológico que ultrapassa seu valor monetário, aspecto que converge com Xu et al. (2020), que identificaram a aversão à perda como o principal determinante das decisões analisadas e verificaram maior intensidade desse viés entre indivíduos com níveis mais elevados de ansiedade. Fatores como, apostas de madrugada e associação com diversão parece reforçar aspectos psicológicos envolvidos.

A forma como os participantes interpretam os resultados também dialoga com Yang et al. (2022), que demonstraram que as escolhas são determinadas pelo ponto de referência subjetivo, e não exclusivamente pelos valores absolutos de riqueza. Os relatos deste estudo evidenciam essa dimensão subjetiva ao mostrarem que ganhos e perdas produzem respostas comportamentais distintas. O entrevistado E afirmou que “Se já consegui um lucro legal, eu prefiro sacar e parar e garantir o lucro”,

indicando que, uma vez alcançado um resultado percebido como satisfatório, a preservação do ganho passa a orientar sua decisão.

Entretanto, quando o resultado é negativo, a resposta assume direção oposta: “Ganhar me deixa mais tranquila. Perder dá mais vontade de continuar” (Entrevistado E). O contraste entre essas afirmações sugere que a posição subjetiva do indivíduo diante do resultado da aposta influencia sua disposição para assumir novos riscos. O ganho proporciona tranquilidade e favorece o encerramento da atividade, enquanto a perda parece produzir uma necessidade de reverter a situação desfavorável. Dessa forma, os relatos oferecem evidências qualitativas compatíveis com a ideia de que as decisões são condicionadas pelo ponto de referência percebido.

Neste contexto, pode-se identificar nuances da falácia dos custos afundados. A afirmação de que “Perder dá mais vontade de continuar” (Entrevistado E) sugere que os valores já perdidos continuam influenciando decisões futuras, levando o apostador a realizar novas apostas na expectativa de recuperar o montante comprometido. Assim, a perda passa a justificar novos investimentos, ampliando a exposição ao risco.

Essa dinâmica aproxima os resultados do conceito de *loss chasing*, caracterizado pela continuidade das apostas após perdas na tentativa de recuperar os valores perdidos. Zhang e Clark (2020) verificaram que as perdas aumentam o valor das apostas subsequentes, enquanto Pérez-Acosta et al. (2023) observaram que o feedback frequente pode levar à maior assunção de riscos para recuperar prejuízos. Os resultados deste estudo convergem com esses achados ao mostrarem que a perda não necessariamente interrompe as apostas, podendo estimular novos aportes. Embora não seja possível afirmar aumento sistemático no valor das apostas, os relatos evidenciam a continuidade após o prejuízo, sobretudo quando a recuperação das perdas orienta as decisões.

O *loss chasing* também aparece associado a uma escalada de apostas e à perda progressiva de controle sobre o comportamento. O entrevistado C descreveu esse processo da seguinte forma: “Teve uns dias em que eu vinha apostando muito. Perdia uma, colocava outra; perdia novamente e colocava outra. Essa emoção já estava me controlando, já estava virando um vício.” A repetição apresentada evidencia uma sequência na qual cada perda é seguida por uma nova tentativa, sugerindo que o resultado anterior passa a condicionar a decisão seguinte. O comportamento aproxima-se, simultaneamente, da lógica dos custos afundados e do *loss chasing*, pois o indivíduo permanece na atividade em razão do capital já comprometido e realiza novos aportes com a expectativa de reverter o prejuízo.

A lógica de continuidade após a perda aparece de forma explícita quando uma participante afirma: “Quando a gente perde, às vezes perde o controle, você quer apostar mais para tentar recuperar aquilo que perdeu” (Entrevistado D). O relato evidencia que a decisão de continuar apostando não está necessariamente associada à expectativa de obter um novo ganho independente, mas à tentativa de reverter um resultado anterior considerado insatisfatório. Esse mecanismo estabelece uma relação direta com os custos afundados: o prejuízo já realizado permanece cognitivamente presente e passa a justificar novos investimentos. Dessa forma, quanto maior o comprometimento anterior, maior pode ser a pressão subjetiva para continuar apostando e evitar a consolidação da perda como definitiva.

No relato do Entrevistado Bque utilizou recursos inicialmente destinados ao pagamento do aluguel: “Nesse caso, utilizei o dinheiro que tinha reservado para o aluguel. Na primeira vez, coloquei R$ 60,00, mas não consegui sacar o valor e fui

informada de que precisaria depositar mais R$ 100,00. Então, coloquei mais R$ 50,00. Quando percebi, todo o dinheiro que havia reservado para o aluguel tinha sido perdido". A decisão deixa, portanto, de considerar exclusivamente as consequências futuras e passa a ser influenciada pelo desejo de recuperar um investimento já realizado.

A progressão dos aportes também é descrita pelo Entrevistado A, que relata: "Se eu tinha uma entrada de R$ 5,00 ou R$ 10,00, por exemplo, na próxima eu já pensava em entrar com R$ 20,00 ou R$ 25,00. Porque, se acertasse, eu tentava aumentar o valor da próxima entrada para recuperar o que já tinha perdido." Diferentemente de uma decisão orientada exclusivamente pela expectativa de retorno futuro, o relato explicita que o valor da nova aposta é definido em função do prejuízo anterior. Essa evidência é particularmente compatível com o efeito dos custos afundados, pois demonstra que um investimento passado e irrecuperável continua exercendo influência sobre a escolha de realizar um novo investimento.

A dimensão emocional desse processo é evidente no relato do Entrevistado B que afirmou: "Enquanto eu queria recuperar o dinheiro, eu não conseguia dormir, porque essa era a minha vontade. Enquanto eu não colocasse o dinheiro na plataforma para jogar, eu não ficava bem. Eu precisava continuar até perder e ver que o dinheiro tinha acabado." Nesse caso, a continuidade das apostas parece estar associada não apenas à expectativa financeira de recuperação, mas também à necessidade de eliminar o desconforto provocado pela perda. O dinheiro já perdido permanece como referência psicológica e mantém o indivíduo orientado para sua recuperação, fazendo com que novos aportes sejam percebidos como uma possibilidade de reparar o prejuízo anterior. Assim, os custos afundados podem contribuir para sustentar o *loss chasing* ao manter o investimento passado cognitivamente relevante para decisões futuras.

Sob a ótica da Teoria dos Prospectos, os relatos deste estudo evidenciam que a entrada no domínio das perdas parece modificar a postura do apostador, que passa de uma lógica de preservação dos ganhos para uma estratégia de recuperação do prejuízo. Nesse contexto, a aversão à perda e os custos afundados não atuam necessariamente de forma independente: o desconforto provocado pela perda pode aumentar a disposição para recuperar o valor perdido, enquanto o recurso já comprometido mantém a decisão anterior psicologicamente relevante.

Os achados também dialogam com a literatura sobre as diferentes manifestações do *loss chasing*, incluindo aumento dos valores apostados, maior frequência das apostas e realização de depósitos adicionais (Edson et al., 2025; Chen et al., 2022; Auer et al., 2023). Embora os relatos não permitam identificar todas essas dimensões, evidenciam novos aportes após perdas e, em alguns casos, aumento do valor apostado. Assim, os resultados acrescentam uma dimensão subjetiva ao fenômeno, ao demonstrar que esses novos aportes são motivados pela intenção explícita de recuperar recursos anteriormente perdidos.

Em conjunto, os resultados sugerem que os custos afundados constituem uma dimensão relevante para compreender a persistência nas apostas após perdas. O comportamento observado não se limita à busca de novos ganhos, mas envolve a tentativa de tornar reversível uma perda que, economicamente, já está consolidada. Ao continuar apostando porque "você quer apostar mais para tentar recuperar aquilo que perdeu" (Entrevistado D), o indivíduo incorpora o resultado passado à decisão presente e amplia sua exposição ao risco. Essa dinâmica ajuda a explicar por que a perda pode não funcionar como um sinal de encerramento da atividade, mas como

um estímulo para novos investimentos, criando um ciclo no qual o capital já comprometido aumenta a disposição para comprometer recursos adicionais.

A aversão à perda, isoladamente, pressupõe uma preferência por evitar resultados negativos; contudo, nos relatos analisados, o desconforto provocado pela perda parece produzir uma resposta que pode aumentar, e não reduzir, a exposição ao risco. A necessidade de recuperar o prejuízo transforma a perda em um estímulo para novas decisões, criando uma dinâmica na qual o indivíduo busca eliminar uma situação financeira percebida como desfavorável por meio de comportamentos que podem ampliar o próprio prejuízo.

4.2 Ilusão de controle e excesso de confiança

A ilusão de controle manifesta-se quando o apostador acredita que conhecimentos sobre equipes, jogadores, estatísticas, resultados anteriores e intuições pessoais podem aumentar sua capacidade de prever resultados essencialmente aleatórios. Embora os participantes reconheçam a influência da sorte, os relatos demonstram uma busca recorrente por informações que proporcionem maior segurança às decisões. Essa percepção aparece na fala da Entrevistada D: “Analiso os jogos, os times, como está o ambiente, a formação dos jogadores. Também considero a possibilidade de zebra e quem é o favorito”. De forma semelhante, o Entrevistado C afirma: “Primeiro, eu pesquiso sobre o time e analiso os resultados e os palpites dos jogos anteriores”. Essas práticas demonstram que a análise de informações é utilizada como mecanismo para reduzir a percepção de incerteza, ainda que não elimine a aleatoriedade dos resultados.

A sobreconfiança torna-se especialmente evidente quando experiências anteriores de sucesso são interpretadas como evidências de capacidade preditiva. O acúmulo de vitórias pode levar o apostador a perceber determinadas sequências como tendências estáveis e acreditar que possui maior domínio sobre os resultados futuros. Nesse sentido, o Entrevistado C relata: “Quando eu vejo que o time vem ganhando com frequência, eu confio muito na vitória. Às vezes, a pessoa acha que domina as apostas; a mente começa a criar essa certeza porque você vem ganhando frequentemente e, de repente, começa a ter só perdas”. O relato evidencia como resultados positivos podem fortalecer a confiança e estimular a continuidade das apostas, criando a percepção de que novas vitórias podem ser obtidas por meio de maior atenção, conhecimento ou análise.

A ilusão de controle também se relaciona à percepção de domínio sobre o próprio comportamento. A Entrevistada D afirma: “Quando decido parar, eu consigo. Não fico naquela de continuar; decido parar e paro, pronto”. Entretanto, essa percepção é relativizada quando as perdas levam à realização de novas apostas para recuperar valores perdidos. Assim, o controle percebido pode ser enfraquecido pela influência das emoções e expectativas de recuperação. Os resultados indicam, portanto, que os participantes superestimam tanto sua capacidade de previsão quanto seu autocontrole, evidenciando vieses de ilusão de controle e sobreconfiança que podem favorecer a assunção de riscos e a continuidade das apostas.

4.3 Influência do marketing e da publicidade

Paralelamente, fatores sociais e midiáticos contribuem para a normalização das apostas e a construção de expectativas favoráveis. Amigos e colegas podem atuar como mecanismos de validação social, enquanto publicidade e influenciadores reduzem a percepção dos riscos e fortalecem a aceitação da prática (Hing et al.,

2016; Pitt et al., 2024). Essa influência aparece no relato de que os influenciadores “passam credibilidade” e de que as campanhas “mostra os ganhos” do que os riscos.

A exposição repetida a conteúdos que enfatizam resultados positivos pode produzir um ambiente informacional assimétrico, no qual ganhos recebem maior destaque enquanto perdas e consequências financeiras permanecem menos salientes. Esse processo pode estar relacionado à heurística da disponibilidade e ao efeito de enquadramento, pois exemplos de ganhos apresentados com frequência tornam-se mais acessíveis mentalmente e podem influenciar a percepção subjetiva das probabilidades de sucesso. Os entrevistados que mencionam apostas capazes de transformar “R$ 100 em R$ 1.000” demonstra como representações de ganhos elevados podem alimentar expectativas otimistas, mesmo quando reconhece posteriormente que “não dá certo”. Da mesma forma, a expectativa de transformar uma aposta de R$ 60,00 em R$ 100,00 ou R$ 200,00 evidencia a formação de expectativas crescentes de ganho.

Por fim, os estímulos sociais e midiáticos interagem com a experiência concreta das perdas. Ukhov et al. (2021) demonstram que as perdas podem exercer influência significativa sobre o comportamento de jogo, favorecendo decisões posteriores orientadas pela tentativa de recuperar prejuízos. Assim, a publicidade e a influência social podem favorecer a entrada e a normalização das apostas, enquanto a exposição aos ganhos alimenta expectativas otimistas e, diante das perdas, a necessidade de recuperação pode prolongar o envolvimento. Configura-se, portanto, um ciclo no qual influências sociais e midiáticas, vieses cognitivos e experiências de ganho e perda atuam conjuntamente, aumentando a vulnerabilidade à manutenção das apostas e ao desenvolvimento de comportamentos problemáticos.

5. Discussão dos resultados

Os achados demonstram que a forma como os participantes classificam mentalmente seus recursos influencia diretamente sua disposição para assumir riscos. Valores provenientes de bônus, ganhos anteriores ou promoções foram percebidos como menos relevantes. Esse comportamento evidencia que decisões financeiras são influenciadas não apenas pelo valor monetário objetivo, mas também pelo significado psicológico atribuído ao dinheiro.

Em conjunto, os resultados revelam que os vieses cognitivos identificados não atuam de forma isolada, mas interagem continuamente durante o processo decisório dos apostadores. A aversão à perda favorece o comportamento de perseguição das perdas, enquanto a ilusão de controle fortalece a expectativa de recuperação dos prejuízos.

Paralelamente, características estruturais das plataformas digitais, como a rapidez das transações, os mecanismos de gamificação e a intensa exposição à publicidade, potencializam esses vieses, criando um ambiente favorável à permanência dos indivíduos nas apostas. Esses achados ampliam a compreensão do comportamento financeiro em ambientes digitais e reforçam a importância das Finanças Comportamentais como referencial para analisar decisões tomadas sob condições de risco. As evidências encontradas são sintetizadas no Quadro 4.

Quadro 4: Análise Geral

Categoria de análise	Evidências observadas nos relatos	Relação com a Teoria dos Prospectos
	Os participantes demonstraram maior sofrimento diante das perdas do que	Confirma que as perdas possuem maior peso psicológico

Aversão à perda	satisfação com ganhos equivalentes, mantendo apostas mesmo após prejuízos sucessivos	do que os ganhos de mesmo valor (Kahneman & Tversky, 1979).
Loss Chasing	Os entrevistados relataram aumentar o valor das apostas ou continuar apostando para recuperar prejuízos anteriores.	Demonstra maior propensão ao risco quando o indivíduo se encontra no domínio das perdas.
Custos afundados	Observou-se que a perseguição as perdas atuam junto a falácia dos custos afundados	Demonstra uma relação que deve ser mais estudada
Influência das plataformas digitais	A rapidez das transações, facilidade de depósitos via Pix, disponibilidade contínua e recursos tecnológicos favoreceram decisões impulsivas.	Indica que as características das plataformas potencializam os vieses comportamentais previstos pela Teoria dos Prospectos.

De forma geral, os resultados demonstram que os vieses previstos pela Teoria dos Prospectos manifestam-se de maneira consistente no comportamento dos apostadores entrevistados. Observou-se que fatores emocionais, cognitivos e contextuais exercem influência significativa sobre as decisões financeiras, levando os participantes a adotar comportamentos incompatíveis com a racionalidade econômica tradicional. A interação entre aversão à perda e os custos afundados, fazem com que os indivíduos persigam as perdas. Para justificar isso, aumentam sua ilusão de controle. Todo esse mecanismo pare ser influenciado por forte publicidade e características das plataformas digitais contribuindo para a manutenção de ciclos de apostas e para o aumento da exposição ao risco financeiro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstraram que a aversão à perda e *loss Chasing* afetam o comportamento dos apostadores online, evidenciando decisões marcadas por vieses cognitivos e emocionais. Destacou-se a perseguição das perdas (*loss chasing*), com aumento das apostas para recuperar prejuízos e da manutenção de apostas desfavoráveis na expectativa de reversão. As características das plataformas digitais — rapidez das transações, Pix, bônus, facilidade de acesso e exposição a publicidade e influenciadores — potencializam esses comportamentos, enquanto dificuldades financeiras e a percepção das apostas como alternativa de renda ampliam a exposição ao risco. Sendo possível observar uma associação entre os vieses cognitivos e a falácia dos custos afundados, que determinam a continuidade das apostas.

Entre as principais limitações, destacam-se que é preciso aumentar o número de entrevistados na intenção de compreender melhor as nuances que afetam esse processo de tomada de decisão junto a apostadores. Este estudo, com abordagem exploratória contribui mostrando quais pontos precisam ser melhor explorados, como relação entre vieses e os custos afundados e o efeito concreto nas finanças pessoais.

Para isso, sugere-se que estudos futuros adotem metodologias experimentais, associadas a instrumentos psicológicos capazes de aprofundar a compreensão desses processos. Recomenda-se, ainda, a continuidade das investigações qualitativas sobre a relação entre a Teoria dos Prospectos e a falácia dos custos afundados. A integração entre abordagens quantitativas e qualitativas

pode contribuir para compreender não apenas a ocorrência desses vieses, mas também como eles se articulam no desenvolvimento e na manutenção do transtorno do jogo, fornecendo subsídios para o aprimoramento da regulação e para a redução dos impactos financeiros associados às apostas.

REFERENCIAS

Almeida, S. R. de, Callado, A. A. C., & Maciel, E. T. P. (2026). Presos no passado: Como o efeito sunk cost e as restrições moldam decisões em obras públicas municipais. *RC&C. Revista de Contabilidade e Controladoria, 19*. https://doi.org/10.5380/rcc.18.100251

ANBIMA. (2024). *Impacto das apostas no planejamento financeiro de brasileiros e brasileiras*. https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/pesquisa-bets-anbima.htm

Arkes, H. R., & Blumer, C. (1985). The psychology of sunk cost. Organizational Behavior and Human Decision Processes, 35(1), 124–140. https://doi.org/10.1016/0749-5978(85)90049-4

ARRUDA, Gustavo Fellipy Darolt de et al. Aversão à perda e comportamento financeiro nas apostas online: um estudo com a população de Cuiabá-MT. Caderno de Administração, v. 1, n. 19, 2025.

Auer, M., & Griffiths, M. D. (2023). An empirical attempt to operationalize chasing losses in gambling utilizing account-based player tracking data. *Journal of Gambling Studies, 39*, 1547–1561. https://doi.org/10.1007/s10899-022-10144-4

Banco Central do Brasil. (2024). *Análise técnica sobre o mercado de apostas online no Brasil e o perfil dos apostadores: Estudo Especial nº 119/2024 – Reproduzido da Nota Técnica 513/2024-BCB/SECRE*. https://www.bcb.gov.br

Brasil. (2023). *Lei nº 14.790, de 29 de dezembro de 2023: Dispõe sobre a modalidade lotérica denominada apostas de quota fixa*. Presidência da República. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14790.htm

Chen Z, Doekemeijer RA, Noe¨l X, Verbruggen F (2022) Winning and losing in online gambling: Effects on within-session chasing. PLoS ONE17(8): e0273359. https://doi.org/10.1371/ journal.pone.0273359

Edson, T. C., Louderback, E. R., Tom, M. A., & LaPlante, D. A. (2025). Multidimensional loss chasing among online gamblers: Assessing optimized thresholds for the prediction of gambling harm. *Journal of Gambling Studies, 41*, 1443–1467. https://doi.org/10.1007/s10899-025-10391-1

Flick, U. Introdução à pesquisa qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

Hagfors, H., Vuorinen, I., Savolainen, I., & Oksanen, A. (2023). A longitudinal study of gambling motives, problem gambling and need frustration. *Addictive Behaviors, 143*, 107733. https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2023.107733

Hing, N., Russell, A. M. T., Vitartas, P., & Lamont, M. (2016). Demographic, behavioural and normative risk factors for gambling problems amongst sports bettors. *Journal of Gambling Studies, 32*, 625–641. https://doi.org/10.1007/s10899-015-9571-9

Hopfgartner, N., Auer, M., Santos, T., Helic, D., & Griffiths, M. D. (2022). The effect of mandatory play breaks on subsequent gambling behavior among Norwegian online sports betting, slots and bingo players: A large-scale real-world study.

Journal of Gambling Studies, 38, 737–752. https://doi.org/10.1007/s10899-021-10078-3

Kahneman, D.; Tversky, A. (1979). Prospect Theory: An Analysis of Decision under Risk. Econometrica.

Klavi Instituição de Pagamento e Gestão de Dados Ltda. (n.d.). *Durante a Copa, analisamos o impacto das apostas na saúde financeira*. https://klavi.ai/placar-das-bets

Louderback, E. R., Tom, M. A., Edson, T. C., & LaPlante, D. A. (2024). The stability of gambling expenditure distributions over time and associations with the use of gambling self-regulatory tools. *International Journal of Mental Health and Addiction, 24*, 92–114. https://doi.org/10.1007/s11469-024-01399-6

McGarrigle, J., et al. (2026). Dark patterns in online gambling: A scoping review and classification of deceptive design practices. *Journal of Behavioral Addictions, 15*(1), 99–114. https://doi.org/10.1556/2006.2025.00096

Nascimento, M. V. F., Esteves, I. R., Machado, I. M. de L. e, Santos, M. M. dos, Silva, L. G. da, Videira, K. G., & Almeida, C. A. e. (2025). Apostas online: uma revisão de literatura sobre a epidemia contemporânea e silenciosa do jogo patológico. *Studies in health sciences*, *6*(2), e15414. https://doi.org/10.54022/shsv6n2-002

Pérez-Acosta, A., Farina, R., Valle, M. A. & Bueno, J. L. O. (2023) Feedback and winning-losing probability effects on economic behavior in risky choices decision-making. Behanomics, 1, 18-32. DOI: https://doi.org/10.55223/bej.2

Pitt, H., McCarthy, S., Randle, M., Daube, M., & Thomas, S. L. (2024). Young people's views about the use of celebrities and social media influencers in gambling marketing. *Health Promotion International, 39*, 1–12. https://doi.org/10.1093/heapro/daae012

Tversky, A., & Kahneman, D. (1974). Judgment under uncertainty: Heuristics and biases. Science, 185(4157), 1124–1131. Recuperado em 20 de janeiro de 2024, de: https://www.jstor.org/stable/1738360

Ukhov, I., Bjurgert, J., Auer, M., & Griffiths, M. D. (2021). Online problem gambling: A comparison of casino players and sports bettors via predictive modeling using behavioral tracking data. *Journal of Gambling Studies, 37*, 877–897. https://doi.org/10.1007/s10899-020-09964-z

Wang, S., Wilson, R. C., Ebner, N. C., & Lighthall, N. R. (2025). Modeling value integration during decision making under uncertainty with the Florida and Georgia gambling task. *Scientific Reports, 15*, Article 36826. https://doi.org/10.1038/s41598-025-08333-3

Wirkus T, Czernecka R, Bühringer G and Kräplin A (2024) Individual risk factors and prediction of gambling disorder in online sports bettors- the longitudinal RIGAB study. Front. Psychiatry 15:1320592. doi: 10.3389/fpsyt.2024.1320592

Yang, Y.-P., Li, X., & Stuphorn, V. (2022). Primate anterior insular cortex represents economic decision variables proposed by prospect theory. *Nature Communications, 13*, Article 1032. https://doi.org/10.1038/s41467-022-28278-9

Zhang, K., & Clark, L. (2020). Chasing losses in gambling: Neurocognitive and behavioral economic perspectives. *Current Opinion in Behavioral Sciences, 31*, 54–60. https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2019.10.006

Zhang, K., Rights, J. D., Deng, X., Lesch, T., & Clark, L. (2024). Within-session chasing of losses and wins in an online eCasino. *Scientific Reports, 14*, Article 20353. https://doi.org/10.1038/s41598-024-70738-3